



PADAB

NA ESCOLA

Edição



PADAB NA ESCOLA

Autores:

Bruna Almeida, Francisca Cardoso,
Gabriella Araujo, João Guilherme Mansur,
Phelipe Esteves e Rafaela Ferreira. *PUC-Rio*

Revisora e Coordenação:

Crislayne Alfagali *História, PUC-Rio*

Projeto:

*CONEXÕES CULTURAIS E HISTÓRICAS ENTRE BRASIL E
ANGOLA NOS ARQUIVOS DO PADAB (IHGB/ PUC-RIO).*

Apoio e Financiamento:

Alfagali, Crislayne

PADAB na Escola / Crislayne Alfagali, Bruna Almeida, Francisca Cardoso, Gabriella Araujo, João Guilherme Mansur, Phelipe Esteves e Rafaela Ferreira – Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, 2022 - 2. ed. - 20p; 21 cm x 29,7 cm

1. História 2. Arquivologia 3. Escravidão I. Alfagali, Crislayne, II. PADAB na Escola.

sumário

5 Axiluada
e Nâmbios,
pescadores e
marinheiros dos
rios de Angola

8 Glossário

10 Reflexões

16 Referências
bibliográficas

Apresentação

O objetivo deste material didático é apresentar possibilidades para o ensino de história, utilizando fontes transcritas do AHNA (Arquivo Histórico Nacional de Angola) que fazem parte da coleção Projeto Acervo Digital Angola-Brasil (PADAB), guardada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

A ideia é que ao entrar em contato com os documentos, o/a educando/a possa analisá-los e criticá-los de acordo com a orientação do professor/a educador/a. Para tal, esse material não apresenta um plano de aula traçado a ser seguido de forma única, pelo contrário, este instrumento de pesquisa quer mostrar possibilidades diversas para se trabalhar com as fontes aqui trazidas. O docente deve elaborar seu plano de aula levando em consideração as especificidades de sua turma.

Assim, a transcrição apresentada nesta revistinha versa sobre os Axiluanda e Nâmbios, pescadores e marinheiros dos rios de Angola.

AXILUANDA e NÂMBIOS, PESCADORES e MARINHEIROS DOS RIOS de ANGOLA.

“

...enquanto eu o houver por bem e Sua Magestade não mandar o contrário e com ele gozará da Jurisdição, privilégios e franquezas que em Razão do dito posto lhe tocarem da qual por esta hei permitido de posse dele tomando primeiro o juramento na forma acostumada de que se fará assento nas costas desta Carta Patente.”

1763,06,03 Carta patente de Antonio de Vasconcelos, governador do Reino de Angola, nomeando D. Francisco Mateus de Domingos no posto de governador dos Maxiluandas e Nambios, da Ilha de São João da Cazanga, do rio Kwanza, no lugar de D. George Antônio. Local: Luanda 02pp BR RJIHGB 126 PADAB DVD 03,16 DSC000361



[fl.1]

[à margem direita]

D. Francisco

Matheus de

Domingos Governador

dos pretos

Maxiluanda

[corpo do texto]

Antonio de Vasconcellos etca. Faço Saber aos que esta minha Carta virem que por estar vago o posto de governador dos pretos Maxiluandas da Ilha de São João da Canzanga e Nâmbios do Rio Quanza per falecimento do preto Dom George Antonio por ser [rasura] pessoa idônea, e de Satisf [rasura] ilegível digo diogo [rasura] Maxiluandas e Nâmbios.

E tudo respeito a boa informação que me foi dada do Preto D. Francisco Matheus de Domingos natural do sítio do Musulo de Jurisdição de Freguesia da dita Ilha de São João da Canzanga, filho do Preto Matheus de Domingos e da Preta Maria Adam, concorrerem nele os requisitos necessários para o exercitar.

Hei por bem de o prover como por esta faço no dito posto de governador dos Maxiluandas da dita Ilha de São João da Canzanga e Nâmbios do Rio Quanza enquanto eu o houver por bem e Sua Magestade não mandar o contrário e com ele gozará da Jurisdição, privilégios e franquezas que em Razão do dito posto lhe tocarem da qual por esta hei permitido de posse dele tomando primeiro o juramento na forma acostumada de que se fará assento nas costas desta Carta Patente. Pelo que mando a todos os referidos Maxiluandas e Nâmbios conheça, ao dito D. Franscisco Matheus de Domingos como a seu Governador e como tal obedeçam cumpram e guardem Suas ordens como devem e são obrigados.

Glossário

Maxiluanda

Maxiluanda é um dos muitos etnônimos utilizados para nomear os habitantes da Ilha de Luanda, localizada em Angola. Ao longo de sua colonização por parte dos portugueses, foram atribuídos à diferentes nomenclaturas, como: Mixiluandas, Mexiluandas, Maxiluandas, Muxiluandas; porém de acordo com o dicionário Kimbundu, que é a língua africana falada na região de Luanda, a forma mais correta de referir-se a tal etnônimo no plural seria Axiluanda, e no singular ficaria Muxiluanda.

Os povos Axiluanda são conhecidos por sua ligação sobrenatural com o mar e com as Kyandas, além de desenvolverem seu trabalho ao entorno do mesmo, sendo conhecidos como grandes pescadores, mercadores, marinheiros, condutores de canoas além de diversas outras atividades que desempenhavam por toda Ilha de Luanda. Sua tradição oral é de demasiada força, sobrevivendo mesmo visto a todo o descaso e desserviço ao qual os colonizadores portugueses tinham com sua identidade cultural e religiosa, ao misturar seus nomes e tentarem aos poucos apagar suas culturas e tradições por meio de sua colonização.

Muito importante também destacar a escravidão compulsória imposta a eles a partir do século XVII, justificada pelos colonizadores portugueses ser devida ao auxílio desses trabalhadores aos holandeses na invasão do Reino de Angola, ocorrida entre 1641-1648; em outras palavras, eles deveriam fazer o mesmo trabalho que eles já realizavam anteriormente, mas agora sem pagamento ou mediante um “pagamento simbólico”. No geral, é muito importante o estudo aprofundado dos povos Axiluanda e a compreensão do processo de apagamento de sua identidade histórica promovido pela colonização portuguesa.

Ilha de São João de Kazanga

A Ilha de São João de Kazanga é uma das ilhas do arquipélago de Luanda. Além de ser o nome da Ilha, é também como referem-se à freguesia da Igreja que ali se instala. Possui clima ameno, fresco, com influência do sol menos significativa que em outras partes. É um espaço de festividades paroquiais, dada a influência da Igreja e seus devotos locais, e por esse motivo recebe visitantes da cidade, de outras ilhas e paróquias sendo assim um espaço de troca e vida social intensos com outras localidades pertencentes à grande Ilha de Luanda.

REFLEXÕES

01

Como este documento foi produzido?

- O que vocês sabem sobre a relação entre Portugal e o continente africano para além do tráfico de escravizados? Houve espaço para negociações, para além dos conflitos? Todos os africanos foram tratados da mesma forma?
- Que tipo de documento é este?
- Qual a data em que foi escrito?
- Quem o escreveu, para quem e com qual objetivo?

COMENTÁRIOS

A fonte transcrita data do ano de 1763 e é uma carta patente. A carta patente é um documento oficial em que autoridades, como o monarca ou o governador, designam um direito, posse ou título a um vassalo.

A carta patente é um exemplo de escrita histórica com a finalidade de exercer determinado controle de informação. O documento expressa a nomeação de D. Francisco Matheus de Domingos ao cargo de governador dos povos Axiluanda e Nâmbios, povos habitantes da Ilha de São João de Kazanga, que é uma das ilhas que compõem o arquipélago de Luanda, em Angola. A nomeação de D. Francisco Matheus de Domingos ao cargo foi feita por Antônio de Vasconcelos, governador do Reino de Angola,

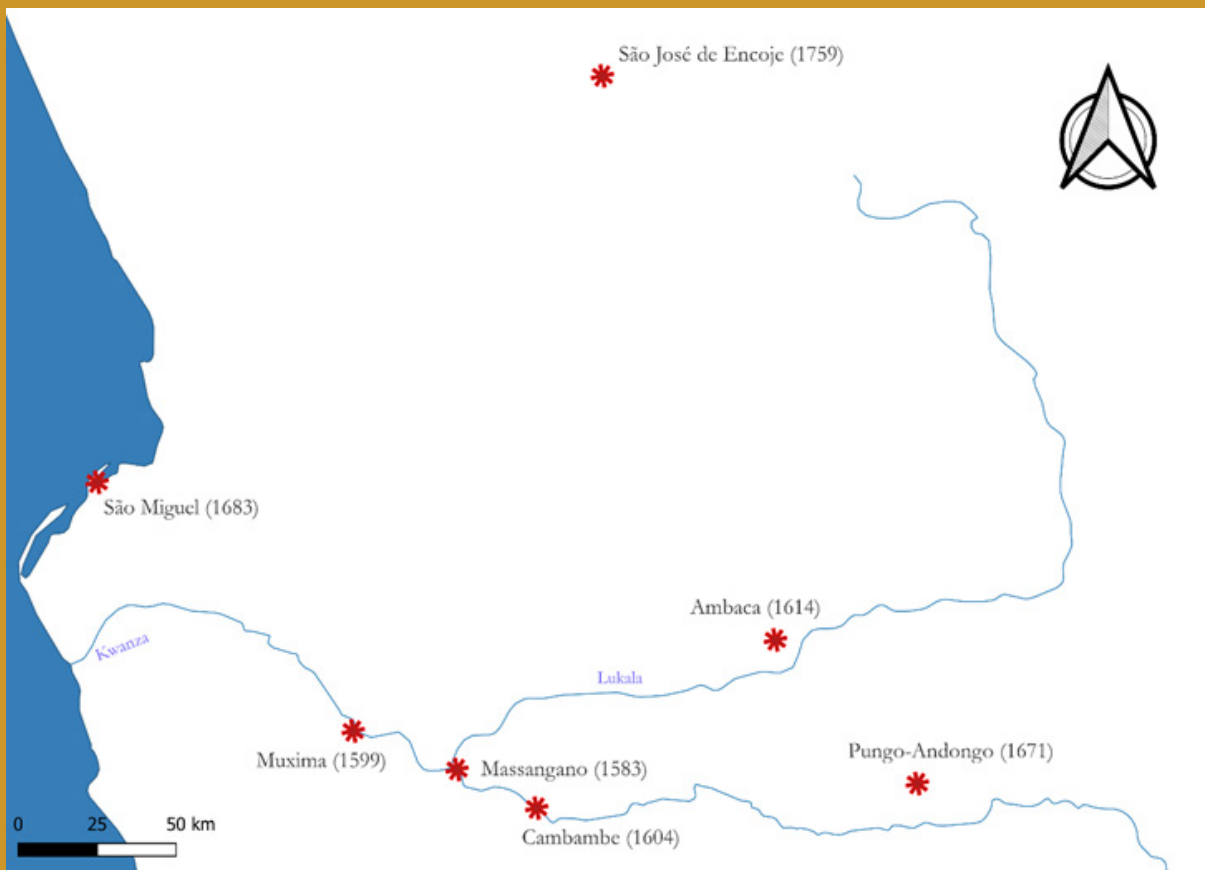
por intermédio de um escrivão, no lugar de seu antecessor D. George Antônio, que faleceu. Neste documento, Vasconcelos designa Francisco Matheus de Domingos para o cargo vago. Deixa claro que cabe a ele, D. Matheus de Domingos, até segunda ordem, desfrutar dos privilégios que a nova função exige. Essa nomeação, declarada em documento aberto seguindo os protocolos reais, oficializa a nova ordem, expondo o nomeado à população que irá reconhecê-lo.

O documento aponta como se davam as relações diplomáticas entre africanos e portugueses naquele período. Nem todos foram tratados da mesma forma e, como no caso dos povos aqui referidos, muitos foram fundamentais para a colonização e manutenção da presença estrangeira no continente.

Havia uma noção de interdependência. Os Axiluanda e Nâmbios eram navegadores excepcionais como vimos no glossário e sem eles não seria possível navegar ao longo do Rio Kwanza e adentrar o território africano. É importante destacar que a escravidão compulsória foi imposta aos Axiluanda a partir do século XVII, justificada pelos colonizadores portugueses ser devida ao auxílio que prestaram aos holandeses na invasão do Reino de Angola, ocorrida entre 1641-1648. Em outras palavras, eles deveriam fazer o mesmo

trabalho que já realizavam anteriormente; mas, agora, sem pagamento ou mediante um “pagamento simbólico”.

Veja no mapa a seguir a importância das fortalezas para a colonização de Angola, perceba como são construídas ao longo dos rios, pois eles facilitavam o escoamento de mercadorias. Por isso, os povos Axiluanda e Nâmbios era fundamentais para o conhecimento da navegação dos rios de Angola.



Fonte: As fortalezas portuguesas em Angola. Criado por Crislayne Alfagali

NOTAS

02

O continente africano possui comunidades que culturalmente têm suas tradições passadas de geração em geração através da oralidade. No entanto, o documento apresenta a existência de líderes africanos em cargos portugueses, oficializados por escrito. Por que essa mudança ocorreu?

03

Difícilmente uma mulher é reconhecida em um documento histórico da administração portuguesa, no entanto há uma personagem mencionada na fonte que lemos. Quem é essa personagem? Por que ela é citada e qual é sua função?

COMENTÁRIOS

Este documento é utilizado como carta aberta a fim de informar que um novo governador do Muxiluandas e Nâmbios estava nomeado. Visa conscientizar a todos os envolvidos e aqueles que estão sob proteção da nova autoridade. Com o auxílio do escrivão, que é eleito para o cargo público, a autoridade portuguesa oficializa o registro declarando quem é o novo governador, local e o ano que foi escrita a carta patente. Além disso, acrescenta o nome do escrivão ao final do registro.

O uso da escrita no governo português em Angola serviu como canal de comunicação

entre os súditos africanos e seus governantes portugueses de modo a trocar dados de interesse político e econômico. Embora grande parte da cultura africana esteja voltada à oralidade, a escrita começa a coexistir com os relatos orais, com o intuito de registrar as rotas comerciais, produtos e ações culturais tais como forma de governo e hierarquias africanas, que afetam diretamente os acordos entre líderes africanos e portugueses.

É, também, possível identificar a presença de uma personagem pouco convencional em um documento oficial: a Maria Adam. Para além

Sai da Mais

A Kyanda, também conhecida como yanda, kiximbi ou kituta, é um gênio da natureza que faz parte do imaginário dos Kimbundu. As denominações e descrições variam de região para região e, segundo relatos, ela possui metade do corpo humano e metade de peixe. Elas são brancas, alvas ou cristalinas, com cabelos brancos e longos. Normalmente, as pessoas não a veem de forma direta, mas sim a seus sinais, a luz é um traço fundamental da presença delas. Cintilações luminosas, com sons vibrantes e envolventes, conduzidos por ventos e redemoinhos.

Esses seres estão muito relacionados às águas e a árvores específicas, em especial, os imbondeiros. Dizem, inclusive, que as árvores que as personificam, quando cortadas ou derrubadas, choram e sangram sem parar. Além disso, também estão relacionadas à fecundidade feminina, sendo o nascimento de gêmeos provocado justamente por influência delas. São muitas vezes, erroneamente, confundidas com sereias, o que evidencia a influência ocidental nas culturas africanas.

A relação com esses gênios da natureza vem a longo prazo, desde o mito de origem do mundo e fixação desses povos e, inclusive, atualmente, há diversas referências relacionadas a esses gênios nas propagandas e estabelecimentos de Luanda, demonstrando o impacto no imaginário social daqueles que nem estavam inseridos nas crenças desses povos. A tradição oral dos Axiluanda é de demasiada força, sobrevivendo mesmo a todo o descaso e desserviço ao qual os colonizadores portugueses tinham com sua identidade cultural e religiosa, ao misturar seus nomes e tentarem, aos poucos, apagar suas culturas e tradições por meio da colonização.

A imagem da Kyanda é tão importante para as comunidades locais que permanece viva no imaginário, como a propaganda ao lado revela.





Um conto da Kyanda, por Francisca Cardoso (Biologia, PUC-Rio)

Nas águas, seja dos mares ou dos lagos e lagoas, entre grandes conchas, pérolas, peixes dourados, cavalos marinhos e muitos mistérios, moram as Kyandas. Também conhecidas como Kitutas, são entidades influentes na vida dos Axiluanda, grandes pescadores e conhecedores dos rios e mares de Angola.

A metade do corpo é de peixe e a outra metade é humana. Com corpos brancos, alvos ou cristalinos; seus cabelos brancos e longos envolvem seus corpos marcando presença com cintilações de luz, milhares de pontuações luminosas e sons vibrantes levados pelos ventos e redemoinhos.

Avistá-las não é coisa fácil, mas no meio da noite escura, se você tiver sorte, é possível ver as águas brilhando com suas luzes. Podem transformar-se em animais e, inclusive, se refugiar em árvores conhecidas como imbondeiros, que choram sangue ao serem cortadas.

Esses seres, femininos ou masculinos, eram presenteados com cerimônias coletivas, em que o povo se reunia para dar de comer ao Kyanda, garantindo, assim, a abundância dos peixes, seu principal bem alimentar.

Anteriormente, quando a presença de navios era menor, as Kyandas apareciam com mais frequência nas praias, mas agora são raras. Oh Kyandas, por onde andam? Os Axiluanda, com sorte, ao se aventurarem pelo mar, ainda relatam encontrá-las. Eternizadas na transmissão oral da população, elas ainda resistem protegendo os rios e mares.

Fonte manuscrita:

Ofício do governador **FISC**. São Paulo de Assunção de Luanda, 30 de março de 1766. AHU_CU_001, Cx. 50, D. 7.

Fonte impressa:

CADORNEGA, Antonio de Oliveira de. **História Geral das Guerras Angolanas. Anotado e corrigido por José Matias Delgado.** Lisboa: Agência -geral do Ultramar, 1972, v. III, p. 34-44.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ana a manda: os filhos da rede. Identidade colectiva, criatividade social e produção da diferença cultural: um caso muxiluanda** [1986]. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989.

COELHO, Virgílio. **Imagens, símbolos e representações “Quiandas, Quitutas, Sereias” imaginários locais, identidades regionais e alteridades.** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 8: p. 179-214, 1998.

FERREIRA, Aurora da Fonseca. **A Kisama em Angola, do século XVI ao XX: autonomia, ocupação e resistência.** Luanda: Kilombelombe, 2012, vol. 1, p.120.

JUNIOR, A. De Assis. **Dicionário Kimbundu-Português: Linguístico, botânico, histórico, Cartográfico.** 1ª Edição. Cidade: Luanda Editora Argente, Santos & cia e Lda. Ano: 1963

OYEWÙMÍ, Oyèronké. **A invenção das mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, s/p

PARREIRA, Adriano. **Dicionário Glossográfico e Toponímico da documentação sobre Angola, séculos XV-XVII.** Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

TAVARES, Ana Paula ; SANTOS , Catarina Madeira. **“África e Monumenta - A Apropriação da Escrita pelos Africanos”.** vol I . Lisboa, Ed. Instituto de Investigação Científica Tropical, 2002.